

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT06.016

A MUSICALIDADE DA CAPOEIRA COMO FACILITADORA DE UM ENSINO ANTIRACISTA NA ESCOLA PÚBLICA

Gledson Bezerra Magalhães¹
Maria Cléa Ferreira Monteiro²

RESUMO

A presente pesquisa surgiu como resultado de ciclos de diálogos com professores e alunos para levantar questões relacionadas ao racismo e intolerância no espaço escolar. Desses diálogos foram levantados quatro principais problemas: clima escolar hostil, falta de representatividade, baixo desempenho escolar, discriminação e preconceito. Na tentativa de superar esses problemas essa pesquisa-ação integrou a musicalidade da capoeira no ensino, buscando, através dela, oportunidades significativas para promover a justiça social, a igualdade racial e o respeito pela diversidade, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. A pesquisa foi realizada com 20 alunos do 7º e 8º anos de uma escola municipal de Fortaleza-CE, e ocorreu através de encontros semanais de 50 minutos entre os meses de fevereiro a novembro de 2022. Os encontros ocorreram de forma lúdica e participativa, a partir de três eixos: Educar contando a própria história; Educar com cooperação; Educar para o autoconhecimento. Durante os encontros ocorriam o revezamento dos instrumentos musicais entre os participantes, estudou-se distintos toques (ritmos) e significados das letras das músicas, trabalhando suas funções e seus diversos sentidos dentro do contexto histórico, incluindo a criação de novas letras com os participantes. Como materialização do aprendizado e discussões os alunos participantes organizaram uma intervenção artístico-musical e um sarau onde expuseram as letras elaboradas durante a pesquisa. Em cada encontro

1 Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Ceará- UFC, gledsonbmagalhaes@gmail.com.br;

2 Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará-UECE da Universidade Federal - UF, mariacleaferreiramonteiro@gmail.com.br;

os alunos eram estimulados a participar tocando instrumentos, cantando e expondo suas reflexões nas rodas de conversa. Ao final de cada encontro era feito uma autoavaliação, dedicando esse tempo a reflexão do aluno sobre o que se entendeu e se sentiu, assim como sobre seu próprio desempenho. A musicalidade da capoeira no ensino básico mostrou-se bastante eficiente no combate ao racismo.

Palavras-chave: Ensino, Meio Ambiente, Agricultura Urbana, Ciências, Geografia.

INTRODUÇÃO

A realidade escolar muitas vezes reflete problemas relacionados ao racismo que precisam ser enfrentados. A presente pesquisa surgiu como resultado de ciclos de diálogos com professores e alunos para levantar questões relacionadas ao racismo e intolerância no espaço escolar. Desses diálogos foram levantados quatro principais problemas e possíveis ações para superá-los:

1. A falta de representatividade: o currículo escolar não inclui uma representação adequada da história, cultura e contribuições dos afro-descendentes. Isso leva a uma percepção distorcida da realidade e à marginalização da experiência afro-brasileira.
2. Discriminação e Preconceito: Estudantes negros frequentemente enfrentam discriminação e preconceito dentro do ambiente escolar, manifestado de várias formas, incluindo bullying, tratamento diferenciado e estereotipagem.
3. Baixo Desempenho Escolar: Devido a uma série de fatores, incluindo a falta de acesso a recursos educacionais de qualidade, discriminação e falta de apoio, estudantes negros enfrentam maiores desafios no desempenho acadêmico em comparação com seus colegas brancos.
4. Clima Escolar Hostil: Um ambiente escolar que tolera ou ignora o racismo cria um clima hostil para estudantes, onde eles se sentem inseguros, desvalorizados e incapazes de alcançar seu pleno potencial acadêmico e pessoal.

Para superar esses problemas, consideramos essencial implementar políticas e práticas educacionais que promovam a inclusão, a equidade e o respeito à diversidade racial. Isso inclui estratégias pedagógicas que permitam aos estudantes desenvolverem sua criticidade e serem protagonistas de seu próprio aprendizado.

Pleiteamos caminhar para uma educação que combata as ideias como inferioridade/superioridade de indivíduos ou de grupos raciais e étnicos, para isso acreditamos ser necessário um melhor entendimento do racismo e a inserção social igualitária independentemente de cor/raça, gênero, renda e religião.

Nesse escopo, a presente pesquisa pretendeu, através dos elementos musicais da capoeira, promover a promoção da diversidade e inclusão; com-

bate ao racismo e preconceito; empoderamento e identidade; contextualização histórica e enriquecimento cultural. Haja vista que, o ensino e a prática da cultura afro na escola é fundamental para promover uma educação mais inclusiva, justa e culturalmente rica, preparando os estudantes para uma convivência respeitosa e valorizando a diversidade étnica e cultural do Brasil.

Abib (2006) aponta que,

As músicas e ladainhas presentes no universo da capoeira são também elementos importantíssimos no processo de transmissão dos saberes, pois é através delas que se cultuamos antepassados, seus feitos heroicos, fatos históricos e lugares importantes para o imaginário dos capoeiras, o passado de dor e sofrimento do tempo da escravidão, as estratégias e astúcias presentes nesse universo (ABIB, 2006, p.93).

Nesse escopo a musicalidade da capoeira conecta vários campos de saberes e permite, através da oralidade e dos fundamentos da capoeira trabalhar valores e conteúdos diversos, mesclados com elementos da dança, musicalidade, teatralidade, artesanato, política, etc.

A musicalidade é um conceito que engloba as diversas características e elementos presentes na música. É composta por elementos que se combinam na construção da música, como ritmo, melodia, harmonia, timbre, dinâmica, textura, forma, expressividade, estilo musical, improvisação, técnica, interpretação e influências culturais (Chiarelli e Barreto, 2005). Ela está relacionada à capacidade de expressar emoções, sentimentos e ideias por meio dos sons, ritmos e melodias. A musicalidade é uma das principais características que diferenciam a música de outros tipos de sons e ruídos. Como aponta Gainza (1988, p. 53) “é através da musicalidade que a música se torna uma forma de arte capaz de transmitir mensagens e despertar sensações no ouvinte”.

No caso da presente pesquisa, a musicalidade da capoeira oferece vantagens no ensino antirracista, como a conexão histórica já que a capoeira está profundamente ligada à história de resistência dos povos africanos escravizados no Brasil. Promove uma educação cultural, na medida em que as letras das músicas contam histórias e transmitem valores ligados a cultura afro-brasileira. Como aponta Ponso e Araújo (2016, p.64) “a capoeira traz consigo inúmeros saberes musicais que não estão somente nos instrumentos, mas também nas cantigas e na própria corporeidade do jogo. Na roda de capoeira canta-se o tempo todo.”

Além de ser um saber popular transmitido pela oralidade, no qual seus elementos musicais

não são formalmente transmitidos, mas absorvidos em grupo, por observação, repetição e aprendizado coletivo. O aluno mais experiente ensina o iniciante, e nem sempre a faixa etária corresponde à sabedoria. Muitas vezes o aluno mais jovem ensina o mais velho (PONSO e ARAÚJO, 2016, p.64).

Consideramos a presente pesquisa relevante pois através da musicalidade da capoeira trabalhamos a cultura africana e afro-brasileira, destacando o protagonismo dos homens e mulheres negras que a constituíram/constituem em diferentes tempos e espaços históricos, funcionando como recurso didático para o Ensino da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira de forma interdisciplinar.

Diante de tais premissas o objetivo geral da pesquisa foi utilizar a musicalidade existente no universo da capoeira para a capacitação dos alunos em reconhecer e compreender as estruturas de poder, privilégio e discriminação racial na sociedade.

Como desdobramento do objetivo geral tem-se os seguintes objetivos específicos:

- Introduzir os alunos às expressões culturais afro-brasileiras promovendo o entendimento e a conscientização sobre questões raciais, históricas e culturais.
- Promover a valorização da diversidade cultural, respeitando e celebrando as culturas afro-brasileiras e suas contribuições para a identidade brasileira e mundial.
- Ensinar sobre os instrumentos musicais tradicionais e ritmos da capoeira, suas características e funções na nossa cultura, relacionando-os com as demais manifestações culturais afro-brasileiras.
- Estimular o aprendizado das letras das músicas de capoeira e de outras manifestações afro-brasileiras, ensinando seu significado e contexto histórico.
- Encorajar a improvisação musical, tanto instrumental quanto vocal, dentro do contexto do combate ao racismo, permitindo que os alunos expressem sua criatividade e individualidade em suas práticas protagonistas.

- Organizar uma orquestra de instrumentos e apresentações, onde os alunos possam demonstrar o que aprenderam.

METODOLOGIA

Essa pesquisa trata-se de uma pesquisa-ação, a qual visa entender o fenômeno estudado e promover mudanças práticas e melhorias no contexto em que a pesquisa se realizou. Os participantes sujeitos do estudo, também são colaboradores na identificação de problemas, no desenvolvimento de soluções e na implementação de mudanças. Yin (2005) aponta que nesse tipo de pesquisa todos os envolvidos são coprodutores do espaço, assim o professor-pesquisador torna-se um agente social capaz de captar a realidade do grupo no qual se pretende interagir e analisar.

Através dessa metodologia utilizamos a escuta sensível, a observação direta, e a ideia de pesquisador coletivo. A escuta sensível foi usada em todas as atividades. O uso intencional do “escutar/ver” com sensibilidade aguçada nos fez perceber os posicionamentos dos estudantes, suas dimensões cognitivas e afetivas.

A análise dos dados foi realizada por meio das etapas: pesquisa documental, leitura das notas de campo, identificação de trechos relevantes relacionados à temática pesquisada e síntese das compreensões.

A pesquisa envolveu 20 alunos do 7º e 8º ano da escola municipal, sendo 12 homens e 8 mulheres. Os encontros, ocorreram uma vez por semana no quinto tempo do turno da manhã entre os meses de fevereiro a novembro de 2022. Cada encontro tinha duração de 60 minutos, sendo os primeiros 10 minutos destinados à contação de histórias e os últimos 10 minutos destinados à uma autoavaliação e avaliação coletiva. Os instrumentos utilizados foram 5 berimbaus, 5 caxixis, 4 pandeiros, 2 atabaques, 2 reco-recos e 2 agogôs. Também utilizamos uma caixa de som para apresentar áudios de toques e cantos específicos.

Durante os encontros prezamos pela ludicidade e participação, se desenvolvendo, a partir de três eixos:

- Educar contando a própria história

No reconhecimento das raízes culturais afro-brasileiras e junto às histórias de vida dos alunos(as). Buscamos a valorização dos nossos antepassados

e o conhecimento das tradições, passadas oralmente de geração a geração, atuando positivamente na construção identitária dos(as) alunos(as). Assim, o início de cada encontro foi destinado a contação de uma história de algum personagem ou fabula africana ou afro-brasileira. Para a contação de história nos utilizamos os livros Prandi (2007), Fonseca (2022), Oliveira e Peçanha (2016) e contos africanos populares de domínio público.

Para a escolha das histórias os professores em planejamento conjunto definiam, primeiramente, qual a mensagem ou ensinamento que se desejava transmitir, depois a história era escolhida e estruturada definindo a introdução, o desenvolvimento e a conclusão. Nas contações das histórias começávamos com o contexto, depois os eventos principais e, por fim, a lição aprendida ou o conhecimento adquirido. Sempre a conectando ao conteúdo.

Depois de contar a história, eram feitas perguntas abertas ou proposto reflexões para estimular o pensamento crítico. A depender da história, a mesma era adaptada a faixa etária, aos interesses e as necessidades dos alunos, assim ajustávamos o foco da narrativa para garantir que fosse relevante e compreensível para eles.

Devido ao curto período para a execução da atividade procuramos ser claros e concisos, mantendo a narrativa clara e direta. A estratégia foi utilizar uma literatura específica para favorecer o processo de composição e criação musical. Durante as aulas a história aprendida era sonorizada, sendo contada e cantada ao mesmo tempo.

- Educar com cooperação

Segundo Freitas e Freitas (2003, p.24) a aprendizagem cooperativa consiste em uma metodologia de ensino “voltada ao trabalho em grupo, onde os alunos são divididos em pequenos grupos e orientados para que trabalhem juntos na resolução de problemas ou na busca por determinados objetivos”. Na execução das atividades nós professores, como facilitadores, buscamos garantir os cinco elementos necessários para a correta utilização do método da Aprendizagem Cooperativa segundo Lopes e Silva (1998): responsabilidade individual, desenvolvimento de habilidades sociais, processamento em grupo e a interdependência social positiva.

Estimulamos a construção de relações solidárias, participativas, responsáveis e de amizade entre os(as) alunos(as), respeitando-se as diferenças,

cultivando o afeto, a alegria, o compromisso e a abertura ao diálogo. Os alunos foram organizados, primeiramente, em pequenos círculos para as práticas rítmicas, em seguida em um único círculo para que todos se vissem e socializassem seus aprendizados. Houve a troca de instrumentos musicais, para que todos os participantes tocassem todos os instrumentos. O ensaio coletivo com os instrumentos e cantos só poderia ocorrer se todos entrassem em harmonia sonora através das células rítmicas ensinadas. O nível de dificuldade dos ritmos ensinados sempre estava de acordo com a capacidade coletiva dos envolvidos, de tal forma que a dificuldade era aumentada quando todos os envolvidos dominavam o ritmo ensinado.

Os alunos que já dominavam algum dos instrumentos eram direcionados a ensinar aos demais colegas que estavam com dificuldade. De acordo com a quantidade de instrumentos musicais que dispúnhamos, os alunos eram organizados em grupos menores sob a regência de um aluno mais experiente com os ritmos e instrumentos. Procuramos, nesses moldes, valorizar a colaboração, a comunicação aberta e o aprendizado mútuo.

Concordando com Cochito (2004, p. 17) “esse método pode ser particularmente eficaz para desenvolver habilidades sociais, promover um ambiente de aprendizagem positivo e ajudar os alunos a se engajar de maneira mais significativa no processo educativo”.

Para o desenvolvimento deste eixo realizamos acordos de convivência com participantes objetivando promover um ambiente de respeito mútuo onde todos se sentissem ouvidos e seguros, respeitados e valorizados.

Os alunos eram encorajados a se expressar e assumir responsabilidades em cada encontro. Realizamos um rodízio entre os participantes para que cada equipe, a cada semana, ficasse responsável em deixar e buscar os instrumentos no seu local de armazenamento na escola. Os mais familiarizados com os toques acompanhavam e instruíam os que tinha mais dificuldades. Como os encontros eram somente uma vez por semana com duração de 60 minutos eram solicitados aos alunos o compromisso em praticar em casa o que foi aprendido em cada encontro.

Para ocorrer a cooperação e a responsabilização no processo educativo, procuramos estratégias que estimulassem a empatia e a compreensão, assim ajudávamos os alunos a se colocarem no lugar dos outros e a compreender as perspectivas diferentes. Fizemos isso através de atividades de troca de papéis, discussões sobre diferentes pontos de vista e reflexões sobre as suas experiências

personais. Buscamos, em nossas ações, demonstrar comportamentos colaborativos nas interações com os alunos.

Nos 10 minutos finais de cada encontro era realizado o processo avaliativo, que ocorria de forma dialógica e recursiva com os estudantes. Nesse momento era refletido sobre o que funcionou bem e o que poderia ser melhorado, assim como os aprendizados do dia. Isso ajudou os alunos a aprender com a experiência e a melhorar suas habilidades de cooperação.

Através dos círculos de conversa os alunos eram incentivados a avaliar as ações pedagógicas, sugerirem novas atividades e reformulações das já executadas. Esse modo de organização e execução das ações é o que Barbier (2007) denomina de pesquisador-coletivo, cujas estratégias de intervenção no espaço escolar são elaboradas, discutidas, refletidas, avaliadas e realizadas pelo grupo. No processo avaliativo partíamos da tríade observação, prática e teorização para refletir sobre as ações, de tal forma que durante todo o processo o planejamento, execução e avaliação eram aprimorados.

- Educar para o autoconhecimento

Trabalhamos a perspectiva de autoconhecimento contida em Freire (1989 e 2005) que mesmo não usando o termo “autoconhecimento” diretamente, suas ideias sobre conscientização, autorreflexão e autoformação são centrais para o processo de desenvolvimento pessoal, já que abordou a educação como um processo de conscientização e empoderamento, enfatizando a importância do autoconhecimento e da reflexão crítica para a transformação pessoal e social.

Procuramos através do desenvolvimento da consciência musical, da concentração no aprendizado, da autonomia, do desafio e da criatividade construir competências para a resolução dos problemas da vida cotidiana. O autoconhecimento ajuda os alunos a entenderem suas emoções, valores e habilidades, facilitando um desenvolvimento mais equilibrado e consciente.

Durante os encontros eram estudados os significados das letras das músicas, trabalhando suas funções e seus diversos sentidos dentro do contexto histórico, incluindo a criação de novas letras com os participantes. As músicas trabalhadas com os alunos se relacionavam diretamente com os relatos do cotidiano dos alunos.

Os encontros tiveram, como objetivo concreto, a organização de intervenções artístico-musicais como produto da orquestra de instrumentos

afro-brasileiros. Assim já era sabido que haveria um produto a mostrar para a comunidade escolar, como forma de apresentar os conhecimentos adquiridos, e sensibilizar a todos sobre o tema.

Em cada encontro os alunos eram estimulados a participar tocando instrumentos, cantando e expondo suas reflexões. Nas avaliações, ao final das oficinas, procuramos ensinar e praticar habilidades de comunicação eficaz, como escuta ativa, feedback construtivo e expressão clara de ideias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os relatos das práticas pedagógicas, das experiências relacionais durante os encontros, das histórias e depoimentos contados pelas crianças e os diários de campo, forneceram elementos de análise coletiva com o grupo, decodificando intencionalidades, ideologias e misticismos reguladores de conduta.

As músicas trabalhadas nos encontros se subdividiram em três tipos (ladainha, chula e corrido), cada qual com sua função dentro do rito da capoeira angola. A ladainha é uma história cantada, um aviso, um acontecimento, uma mensagem, que se inicia com um *lê*, grito que representa um pedido de atenção, finalizando com uma louvação ou chula, que é um agradecimento ou exaltação naquilo que acredita. A Chula ou louvação são expressões curtas que são cantadas por quem cantou a louvação e repetidas na íntegra pelo coro dos participantes. O corrido ou quadras são construções musicais geralmente de quatro versos, mas também podem ser músicas com letras mais curtas, de perguntas e respostas entre o cantador e os demais participantes em forma de 'coró'.

Como culminância da pesquisa/projeto os alunos apresentaram-se, na escola, em forma de orquestra de instrumentos no qual encenaram uma peça cujo o enredo girava em torno da libertação dos escravizados através da força e resistência do negro e não do homem branco. Toda a peça teatral foi construída pelos alunos e as músicas escolhidas por eles.

A ladainha escolhida para se apresentarem foi "A história nos engana" de autoria de Mestre Moraes. Essa ladainha é um protesto contra uma das versões oficiais da história que minimiza a continuidade das lutas e dificuldades enfrentadas pelos negros após a abolição da escravidão. Ela exalta Zumbi dos Palmares como um símbolo de resistência e questiona a eficácia real da abolição, sugerindo que as promessas de liberdade e igualdade não foram cumpridas. O contraste entre o 13 de maio, data oficial da abolição, e o 20 de novembro, Dia

da Consciência Negra, é utilizado para destacar a diferença entre a narrativa oficial e a realidade vivida pelos negros no Brasil. A letra evidencia um sentimento de desencanto e uma chamada para lembrar e valorizar a luta contínua por justiça e igualdade racial.

A História Nos Engana (Mestre Moraes)

le!

A história nos engana
Diz tudo pelo contrario
Até diz que a abolição
Aconteceu no mês de maio
A prova dessa mentira
E que da miséria eu não saio
Viva vinte de novembro
Momento pra se lembrar
Não vejo em treze de maio
Nada pra comemorar
Muitos tempos se passaram
E o negro sempre a lutar
Zumbi e nosso herói
Zumbi e nosso herói, colega velho
De Palmares foi senhor
Pela causa do homem negro
Foi ele quem mais lutou
Apesar de toda luta, colega velho
O negro não se libertou, camarada!

Após a ladainha seguiu-se com a chula e o corrido, também escolhidos pelos alunos dentre as canções estudadas na pesquisa. As chulas, que são um tipo de canção tradicional na capoeira, são usadas nas rodas de capoeira angola para transmitir mensagens, celebrar figuras históricas ou criar um ambiente animado. A letra escolhida pelos alunos destaca Zumbi e Dandara dos Palmares, figuras importantes na história da resistência negra no Brasil.

Zumbi é uma figura emblemática da resistência negra no Brasil. Ele liderou o Quilombo dos Palmares, uma comunidade formada por escravizados que fugiram da escravidão e lutaram contra a opressão. A exaltação a Zumbi na chula

é um reconhecimento de sua liderança e bravura na luta pela liberdade. Zumbi é uma figura de grande importância na história afro-brasileira e é amplamente celebrado como um herói da resistência contra a escravidão. Sua figura representa a luta pela dignidade e pelos direitos dos negros, sendo um símbolo de resistência e liberdade.

Dandara foi uma importante líder militar e companheira de Zumbi, que também desempenhou um papel crucial na resistência contra a escravidão. Ela é lembrada por sua coragem e sua contribuição significativa para a luta pela liberdade. A inclusão de Dandara na exaltação é uma maneira de reconhecer e honrar o papel das mulheres na luta contra a opressão. Muitas vezes, as contribuições das mulheres são subestimadas ou invisibilizadas, e reconhecer Dandara é uma forma de corrigir essa narrativa e celebrar a igualdade de gênero na luta pela liberdade.

O corrido apresentado é um exemplo de como a capoeira, uma arte marcial e cultural afro-brasileira, pode estar profundamente conectada com elementos de espiritualidade e tradições africanas. A letra reflete a importância de Aruanda, uma referência à cultura e espiritualidade africana, e como esses elementos são incorporados na prática da capoeira. Segue a baixo a chula e o corrido respectivamente:

lê viva a Zumbi!
(lê viva a Zumbi, camará).
lê viva a Palmares!
(lê viva a Palmares, camará)
lê viva a Dandara!
(lê viva a Dandara, camará)

Ai, ai, ai ai
Quando eu cheguei de Aruanda
Trouxe meu berimbau
Dentro da minha capanga

Ai, ai, ai ai
Quando eu cheguei de Aruanda
Trouxe minha mandinga
Dentro da minha capanga

Ai, ai, ai ai
Quando eu cheguei de Aruanda
Trouxe muitos remédios
Dentro da minha capanga

Ai, ai, ai ai
Quando eu cheguei de Aruanda
Trouxe todas as coisas
Dentro da minha capanga

A letra da música (corrido) celebra a chegada e a integração dos elementos culturais e espirituais africanos na prática da capoeira. A repetição do refrão “Ai, ai, ai ai / Quando eu cheguei de Aruanda” sublinha a importância da origem espiritual e cultural da capoeira. O uso de símbolos como o berimbau, a mandinga e os remédios evidencia como a capoeira é um veículo para a preservação e a transmissão das tradições africanas.

A capanga, como um símbolo de transporte e preservação, representa o meio pelo qual esses elementos são carregados e incorporados na prática diária da capoeira. A música expressa um profundo respeito pelas raízes culturais e espirituais da África e a importância de manter vivas essas tradições através da prática. A letra pode ser vista como uma celebração da herança africana e da importância de manter vivas as tradições que moldam a capoeira, ao mesmo tempo em que reafirma a conexão espiritual com Aruanda e a valorização dos saberes tradicionais.

Dentre as 33 músicas entre ladainhas, chulas e corridos dos mais variados temas utilizados nos encontros, os alunos escolheram para a apresentação as músicas supracitadas, o que evidenciou, para nós, o desejo coletivo do grupo em apresentar tanto a denúncia diante o apagamento da luta negra pela liberdade, como a exaltação de personagens negros e da cultura africana.

O processo de construção da apresentação teatral e da orquestra evidencia o amadurecimento dos alunos quanto ao tema, à capacidade de organização e de colaboração. Todos eles se demonstraram proativos para a construção desse produto final. A dedicação dos alunos para que ocorresse a apresentação na escola revela o interesse e valorização do tema, construído ao longo dos encontros. Foi perceptível o desenvolvimento do senso de propriedade e

responsabilidade sobre a mudança. Isso empoderou os participantes a serem agentes ativos na criação de um ambiente escolar mais inclusivo e equitativo.

Percebemos que ao aprender e praticar as músicas de capoeira, os alunos, especialmente os alunos negros, se sentiram mais conectados e orgulhosos de sua herança cultural, promovendo autoestima e resistência ao racismo. Os depoimentos dos alunos foram contundentes nesse quesito. A medida que ocorriam os encontros os alunos traziam exemplos da vida cotidiana que demonstravam o reconhecimento do racismo e o amadurecimento sobre o tema.

Como na fala do aluno A:

“Eu não aceito mais ser chamado de apelidos de conotação racista, sei que isso é crime. Não eram apelidos carinhosos, e eu percebo quando o apelido é usado para me diminuir e me tratar diferente por causa da minha cor de pele”.

Na fala no aluno B:

“Professor, minha irmã tem o cabelo cacheado e volumoso, e um menino da rua de casa, toda vida, fica tirando onda com ela. Pensei em partir pra briga, mas lembrei do que a gente está discutindo aqui, então lembrei de respirar fundo, e puxei minha irmã levando-a para casa enquanto a acalmava. Em seguida fui junto com meus pais na casa desse menino para conversar com os pais dele”.

No depoimento do aluno B observamos que ele identificou o ato racista e no momento da identificação, teve a condição socioemocional de pensar as possibilidades de enfrentamento e escolher a mais plausível para o momento.

O uso da oralidade, através da narrativa cultural foi uma ferramenta poderosa que ajudou a mudar percepções, promover inclusão e enriquecer o conhecimento histórico e cultural. O conto das histórias foi uma estratégia eficaz na a construção da linguagem oral, para a leitura de mundo e a aquisição de processos comunicativos dialógicos de reconhecimento de cada ser humano na sociedade. Os alunos em seus depoimentos se mostravam envolvidos e tocados pelas histórias. Através delas foi possível veicular e decodificar os mecanismos que possibilitam a assunção da identidade cultural como as memórias, ideologias, conhecimentos, sentimentos e o imaginário dos alunos. Como no depoimento do aluno C,

“Desde que comecei a ouvir as histórias nas aulas, eu percebi como as histórias são muito mais do que apenas diversão. Elas ajudam a entender

melhor a nossa história e a cultura dos outros. Lembro que um dia, o professor nos contou a história da Rainha Nzinga, rainha do reino do Dongo e Matamba. Através dessa história, eu aprendi sobre a vida deles, suas tradições e como eles se relacionavam com a natureza.”

O aluno D,

“As histórias também ajudaram a melhorar minha capacidade de falar e ouvir. Eu comecei a participar mais das conversas na escola e a ouvir as histórias dos meus colegas, entendendo melhor as experiências deles. Isso me fez perceber que cada pessoa tem algo único para compartilhar e que todas as histórias são importantes.” Foi incrível ver como as palavras e os contos podem nos mostrar coisas que os livros de história muitas vezes não conseguem explicar tão bem.

Durante a execução das ações, funcionários das escolas, diante da curiosidade e da anormalidade da rotina da escolar, se sentiram curiosos e motivados a participar das atividades. Por meio das práticas, houve a sensibilização indireta de outras pessoas da comunidade escolar. No decorrer das ações foi perceptível o quanto as práticas executadas funcionaram como tema gerador de assuntos diversos vinculados com a realidade cotidiana dos estudantes.

Os encontros musicais contribuíram para que o aluno superasse o senso comum e chegasse a um saber científico comprometido com a mudança. Permitiu também, através dos professores, a aproximação entre o sujeito e o objeto, provocando senso crítico e questionador. Freire (2007) aponta que a aproximação do sujeito com o objeto é tarefa do educador, para que o educando, no processo de aprendizagem, abra caminhos e desafie outros sujeitos a questionarem as suas posições e aprofundarem suas análises.

Na perspectiva de Freire (1989), consideramos a musicalidade da capoeira como ferramentas pedagógicas potencializadoras para a autoestima e autonomia, estimulando os alunos a tomada de escolhas e traçando caminhos para a superação da condição de oprimido. Na medida em que é trabalhada na perspectiva da problematização e do diálogo, indica a superação da educação bancária, e um caminho para se questionar a sua condição.

A experiência interpessoal durante as atividades estimulou o processo de construção e reconstrução de ideias, promoveu mudanças de comportamentos nos sujeitos envolvidos, e foram um meio para adquirirem conhecimentos, habilidades e valores. A condução das atividades em grupo tornou-se facilitada pela motivação e envolvimento dos estudantes.

Ao longo das ações percebemos que os alunos que não participavam se interessaram pelas atividades práticas, as quais funcionaram também como atrativos para sensibilizá-los da importância dos temas abordados. Com os encontros criaram-se espaços de relações, de encontro, diálogo, prática motora, destinado não apenas ao conteúdo, mas, essencialmente, ao encontro, a conversa, a troca.

Durante o desenvolvimento da pesquisa constatamos mudanças de atitudes e discursos que refletem os sistemas de valores e a filosofia presentes na Capoeira Angola. Os estudantes desenvolveram a capacidade, mesmo que em alguns momentos não permanentes, de autoria para a mudança das concepções e valores introduzidos pelo capitalismo. Eventualmente geraram-se momentos de mobilização, cooperação e solidariedade diante da resolução dos conflitos e na criação de estratégias coletivas de ação.

Ao mesmo tempo que os alunos (re)construíam valores e conhecimentos, percebemos as diferenças pessoais e a diversidade cultural dos mesmos. São diferentes fazeres-pensares, não só porque são variadas as informações objetivas de que os alunos são portadores, mas, também, pela subjetividade das formas de apreensão das atividades propostas. Ao buscar a significação inicial de que os alunos tinham sobre o racismo, levamos em consideração o surgimento desses variados indivíduos.

No primeiro e último dia de encontro fizemos o mesmo questionamento para os participantes: “Quem lembra de ter cometido algum ato racista?”

No primeiro encontro somente 2 alunos afirmaram terem cometido atos racistas, ambos relacionados apelidos discriminatórios, enquanto no último encontro todos os alunos afirmaram já terem cometido atos racistas. Ao descreverem os atos ou situações racistas, constatamos a capacidade deles de identificar atos racistas além da prática de apelidos, como: comentários ofensivos, exclusão social, imitação desrespeitosa, desprezo ou desdém, assédio online e intimidação através do bullying.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A musicalidade da capoeira ofereceu várias vantagens no ensino antirracista. Ao estudar suas canções, os alunos puderam entender melhor o contexto de opressão e luta, o que é essencial para compreender as raízes do racismo.

Através das letras das músicas, dos significados dos instrumentos e dos rituais envoltos na musicalidade da capoeira foi possível contar histórias e

transmitir valores ligados à cultura afro-brasileira, promovendo o respeito e a valorização das contribuições africanas para a cultura brasileira.

Compreendemos que os processos educacionais transformadores ocorrem mediante as experiências dos sujeitos, na ação, interação e reflexão, oportunizando um saber vivo, que conduz a sociedade ao seu potencial criativo e humanitário.

Paulo Freire (1996, p.61), ao afirmar que: “Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”, convoca-nos a construir e experienciar o inédito viável, ou seja, ao compreender as situações-limite em que vivemos, podemos construir trilhas de superação e transformação social. A música da capoeira mostrou-se como uma potente ferramenta educativa, sendo instrumento de mudança de consciência.

Uma visão que respeite a cultura afro-brasileira como parte fundamental na formação dos alunos e que sirva para a desconstrução de estereótipos e combate ao preconceito, tem na capoeira uma base para essa solidificação.

Seja em forma de música, literatura ou corporeidade, trabalhar com os valores, história e fundamentos da capoeira é uma ação transformadora na educação básica. cremos que valorizar a cultura afro-brasileira é criar uma via de acesso ao conhecimento de nossa própria formação social e cultural. É uma possibilidade comprometida com a transformação da escola além da simples ausência de discriminação; se concentrando ativamente em promover a justiça racial e criar um ambiente educacional inclusivo e equitativo para todos os alunos.

Integrar a musicalidade da capoeira no ensino antirracista oferece uma abordagem vibrante e eficaz para promover a equidade racial e a compreensão cultural nas escolas. A capoeira, uma expressão cultural afro-brasileira rica em história e significado, não só enriquece o currículo com sua música, dança e filosofia, mas também serve como uma poderosa ferramenta pedagógica para desconstruir preconceitos e fomentar um ambiente inclusivo.

A incorporação da musicalidade e dos princípios da capoeira no ensino antirracista não apenas enriquece o aprendizado cultural dos alunos, mas também contribui para a construção de uma comunidade escolar mais justa e inclusiva. Ao celebrar e integrar essa expressão cultural rica e diversificada, as escolas podem promover uma educação que valorize verdadeiramente todas as culturas e histórias, preparando os alunos para serem cidadãos mais empáticos e conscientes em uma sociedade global.

A pesquisa-ação permitiu que os educadores e alunos identificassem e abordassem questões específicas relacionadas ao racismo e à desigualdade dentro da escola e comunidade. Essa abordagem ajudou a desenvolver soluções adaptadas às necessidades e realidades locais, garantindo que as estratégias antirracistas sejam mais relevantes e eficazes.

A pesquisa-ação ofereceu uma abordagem dinâmica e participativa para o ensino antirracista, proporcionando uma estrutura para identificar, abordar e resolver questões relacionadas à desigualdade racial de maneira prática e contextualizada. Ao engajar a comunidade escolar de forma colaborativa e reflexiva, essa metodologia contribui para a criação de um ambiente educacional mais inclusivo e equitativo, promovendo um aprendizado mais significativo e impactante para todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 26, n. 68, p. 86-98, jan./abr. 2006.

BARBIER, R. A Pesquisa-Ação. Tradução de Lucie Didio. Brasília: **Liber**, 2007.

COCHITO, M. I. G. S. Cooperação e aprendizagem: educação intercultural. Lisboa: **ACIME**, 2004.

CHIARELLI, L.K.M; BARRETO S.J. A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental: a música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. **Rev Recre@rte**. v.3, p.1-10, 2005.

FONSECA, Maria Bracks. Poderosas rainhas africanas. 1ªed. Belo Horizonte, MG: **Ancestre**, 2021.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. 19ªed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1989.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. 36ªed. São Paulo: **Paz e Terra**, 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 42ªed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2005.

FREITAS, L.V. e FREITAS, C. V. Aprendizagem Cooperativa. Porto: **Edições Asa**, 2003.

GAINZA, Violeta Hemsy de. Estudos de Psicopedagogia Musical. 3ªed. São Paulo: **Summus**, 1988.

LOPES, J.; SILVA, H.S. Aprendizagem Cooperativa na sala de aula: um guia prático para o professor. 1ª ed. Lisboa: **Lidel**, 2009.

NEIRA, M.G. A cultura corporal popular como conteúdo do currículo multicultural da educação física. **Pensar a pratica**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 81-89, 2008.

MOREIRA, R.; MOREIRA, N. Capoeira: sua origem e sua Inserção no Contexto Escolar. **Efdesportes - Revista Digital**. Buenos Aires, Ano 12, n. 114, 2007.

PRANDI, Reginaldo. Contos e lendas afro-brasileiras: a criação do mundo. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2007.

PONSO, Caroline Cao; ARAÚJO, Maíra Lopes de. Capoeira, música e educação: possibilidades pedagógicas no ensino básico. **Música na Educação Básica**. Londrina, v. 7, nº 7/8, 2016.

YIN, R.K. Estudo de Caso: Planejamento e Métodos. Trd. Daniel Grassi. 3ª ed. Porto Alegre: **Bookman**, 2005